



CONTRIBUIÇÕES DE AZOILDA TRINDADE PARA PRÁXIS DOCENTE ANTIRRACISTA

AZOILDA TRINDADE'S CONTRIBUTIONS TO ANTI-RACIST TEACHING PRACTICE

Andreza Cardim¹

RESUMO

O texto foi elaborado especificamente para o IV Congresso Internacional de Educação - Violência de gênero, racismo, identidade e preconceito: Novos tempos, velhos desafios da sociedade da desigualdade, para integrar no grupo "Currículo, Cultura, Identidade e diferença: Estudos culturais, estudos culturais na educação, discursos, sujeitos e linguagens.". Este trabalho disserta sobre o ensaio "Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros Na Educação Infantil" da doutora Azoilda Loretto da Trindade. A partir dele é debatido uma prática docente antirracista, convergindo os sete princípios afro-brasileiros (Energia Vital, Oralidade, Circularidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperatividade e Ludicidade), evocados pela autora supracitada, com uma educação intercultural e decolonial, afetividade, dialogicidade, entre outros aspectos. A metodologia utilizada é qualitativa, por entender esta como um conceito que aproxima o pesquisador de sua pesquisa e reflexões; o texto possui como objetivo, abrir novos caminhos para o cotidiano escolar antirracista, na etapa da educação infantil, discutindo as consequências possíveis que uma educação não afrocentrada pode acarretar. É trazido para o texto aspectos legais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e as leis números 10.639/03 e 11.645/08, que subsidiam a prática pedagógica defendida durante o texto, sendo ela igualitária e antidiscriminatória. Teve-se como conclusão a importância da formação docente e a abertura de espaços para discutir as relações étnico-raciais dentro do contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Valores Civilizatórios. Educação Afrocentrada. Azoilda Loretto da Trindade.

ABSTRACT

The text was modified specifically for the IV International Education Congress - Gender violence, racism, identity and prejudice: New times, old challenges of the society of inequality, to integrate into the group "Curriculum, Culture, Identity and difference: Cultural studies, studies cultural aspects in education, discourses, subjects and languages."

This work discusses the essay "Afro-Brazilian Civilizing Values in Early Childhood Education" by Dr. Azoilda Loretto da Trindade. From it, an anti-racist teaching practice is destroyed, converging the seven Afro-Brazilian principles (Vital Energy, Orality, Circularity, Corporeity, Musicality, Cooperativity and Playfulness), evoked by the aforementioned author, with an intercultural and decolonial education, affectivity, dialogicity, among other aspects. The methodology used is qualitative, to understand this as a concept that brings the researcher closer to his research and reflections; The text aims to open new paths for anti-racist school daily life, in the early childhood education stage, discussing the possible consequences that a non-Afro-centered education can entail. Legal aspects are presented in the text, such as the National Curricular Guidelines for Early Childhood Education and laws numbers 10.639/03 and 11.645/08, which support the pedagogical practice defended throughout the text, which is egalitarian and anti-discriminatory. It was possible to conclude the importance of teacher training and the opening of spaces to discuss ethnic-racial relations in the school context.

¹ Professora na Secretaria Municipal de Educação de Niterói (SME/Niterói). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico pelo Colégio Pedro II. E-mail: andrezzacardim7@gmail.com.



KEYWORDS: Kindergarten. Civilizing Values. Afrocentric Education. Azoilda Loretto da Trindade.

1 INTRODUÇÃO

Elaborado a partir do trabalho de conclusão do curso de pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), com reflexões mais aprofundadas por causa da Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), ofertado pelo Colégio Pedro II, que está escrita advém, com o propósito de integrar o grupo de “Currículo, Cultura, Identidade e diferença: Estudos culturais, estudos culturais na educação, discursos, sujeitos e linguagens.” do IV Congresso online Internacional de Educação da UFMS: Violência de gênero, racismo, identidade e preconceito: Novos tempos, velhos desafios da sociedade da desigualdade.

Este trabalho tem como intuito discutir práticas docentes antirracistas e afrocentradas na educação infantil, perpassando pelos temas a construção da identidade do educando da educação infantil, interculturalidade e decolonialidade. O artigo terá como base bibliográfica central o texto “Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros Na Educação Infantil” de Azoilda Loretto da Trindade, a partir dele é convocado alguns autores, como Paulo Freire, no livro “Pedagogia do Oprimido”, a psiquiatra Neusa Souza, com sua discussão sobre para o debate da construção identitária e o psicológico, ramificando para a subjetividade dos estudantes da educação infantil; além de citar parâmetros legais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, lei 10.639/03 e a lei 11.645/08.

Azoilda Loretto da Trindade (1957-2015) foi uma intelectual negra carioca, formada em pedagogia e psicologia, era mestre em educação e doutora em comunicação e cultura, que contribuiu para a educação brasileira a partir de discussões sobre o cotidiano escolar, mais especificamente, por um dia a dia antirracista. Azoilda Trindade elaborou diversos projetos, perpassando pelo audiovisual, com o programa “A Cor da Cultura”, da TVE, onde trabalhou como coordenadora pedagógica; também colaborou na elaboração da Lei 10.639/03, que disserta sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileiro em toda educação básica.

Como educadora, Azoilda teve sua vida voltada para pensar teorias e práticas que contribuíssem para um cotidiano escolar que abraçasse todas as singularidades, dentro da perspectiva de uma educação antirracista, como intelectual elaborou projetos, textos e livros e como militante teve uma vida repleta de atuações de suma importância para a história do movimento negro (Silva, 2021, p.807).



Como metodologia é utilizada a qualitativa por se tratar de um texto que visa refletir sobre a realidade social atual e propor novos caminhos para uma educação antirracista na educação infantil. Por ser uma autora negra e pedagoga, que está dentro do ambiente escolar, corroboro com a metodologia qualitativa, indo ao encontro, me colocando como agente e em consonância com o que está sendo proposto no artigo.

Assim, pesquisa e pesquisador passam a ter um papel ativo, com fluidez dinâmica e desenvolvimento de métodos, preocupando-se agora em encontrar possíveis soluções para os problemas relacionados ao ensino, com foco na perspectiva social e realidade histórica. Segundo as autoras, “Um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo, em sua realização histórica” (Lüdke; André 1986, p. 05; Santana; Lemos, 2018, p.533).

Colocar em voga a discussão sobre relações étnico-raciais dentro do contexto escolar é de suma importância na contemporaneidade, pensar a diferença como algo positivo, repudiar preconceitos, o racismo e práticas docentes arcaicas e reacionárias é um dever de todos que se denominam educador. Diante disso, se faz necessária as reflexões desenvolvidas nesse trabalho.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁXIS DO EDUCADOR

Antes de desenvolver o que foi proposto inicialmente, estabeleço alguns conceitos chaves que são mencionados no decorrer do texto e complementam a ideia central. A elaboração da minha escrita também está ancorada nos conceitos da interculturalidade e decolonialidade no âmbito curricular, se fazendo importante destrinchar o pensamento decolonial e intercultural para adentrarmos num cotidiano escolar que não tenha a Europa como cerne e imagem universal. Em resposta ao embranquecimento sistemático de nossas subjetividades dentro do contexto escolar, a reflexão sobre práticas e relações pedagógicas é levada ao debate.

Vera Candau e Luiz Oliveira, no artigo “O que é uma educação decolonial?”, sintetizam e nos explica de uma maneira simples o que é decolonialidade:

Walsh afirma, tendo como referência os movimentos sociais indígenas equatorianos e dos afro-equatorianos, que a decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Portanto, decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas (Oliveira; Candau, 2010, p.24).



A interculturalidade, em consonância com o discurso decolonial, nos traz a perspectiva de pensar em práticas docentes de uma maneira que abarque e discuta criticamente todas as culturas presentes em nossa sociedade, mais especificamente a sociedade brasileira. Partindo desse conceito, refletimos sobre a diferença e a sua importância para nos constituir como sujeitos, indo de contra a discursos discriminatórios e que invisibilizam indivíduos que estão fora do padrão branco e masculino da sociedade.

3 AZOILDA TRINDADE E OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Em seu texto, a autora nos explica de onde advém seu trabalho, tendo como justificativa de sua escrita o trecho sobre um dos princípios da criança, proposto pela Assembleia das Nações Unidas, de 1959. Este princípio discorre sobre a proteção que as crianças têm por direito, devendo ser protegidas contra a discriminação racial e religião, tendo direito a um ambiente de tolerância e paz.

Azoilda Trindade estabelece três observações importantes para o debate posto: como o Brasil está alicerçado em princípios africanos, mesmo com o racismo; a pluralidade do continente Africano; a importância de nos atentarmos ao cotidiano para instigar a reflexão. Esses três pontos salientados já nos fazem dimensionar uma prática docente decolonial e intercultural, pois ao afirmar que os valores africanos estruturam a sociedade brasileira, a autora nos faz refletir sobre uma escola que tenha como base referências europeias, que retrata os descendentes de africanos e africanos de uma maneira pejorativa e subalterna, sem mostrar suas resistências e importância cultural para o Brasil.

A autora, ainda no começo de seu texto, nos propõe pensar sobre o processo de racismo vivido pela criança dos seus 0 aos 6 anos, faixa etária da educação infantil, as posições que muitas vezes nós professores não tomamos e as desculpas dadas pelo docente. Contudo, salientar o sofrimento passado pela criança e seus desdobramentos em sua psique é de extrema importância.

Se essa é uma experiência muito confusa para uma pessoa adulta, imaginemos para um ser humano de pouca idade, uma criança de 0 a 6 anos. Professores e professoras, acreditem, a criança pode não saber expressar oralmente a discriminação, mas ela sente, sofre, seu corpo fica marcado, com a discriminação e com a omissão, com o silêncio conivente, com a falta de acolhida do adulto que ela tem como referência no momento (Da Trindade, 2005, p.32).



A psiquiatra Neusa Souza, em *Tornar-se Negro* (2021), explica como uma vivência pautada em aspectos da branquitude pode ser maléfica ao sujeito negro, fazendo com que ele deseje ser branco para bloquear os malefícios que se tem ao se reconhecer e ser reconhecido como negro. Assim, automutilações acontecem, como passar pelo processo de alisar o cabelo; como também, o seu não reconhecimento como preto, renegando, achando feio tudo que lembra a cultura africana.

O negro, no desejo de embranquecer, deseja nada mais, nada menos do que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido (Souza, 2021, p.29).

Diante destas constatações, se faz ainda mais necessário debater Azoilda Trindade e os valores civilizatórios afro-brasileiros no cotidiano escolar; introduzi-los no cotidiano da escola é proteger, cuidar do corpo e do inconsciente infantil, além, de desenvolver criticamente um inconsciente antirracista de crianças não negras.

Entre as diversas contribuições culturais afro-brasileiras, Azoilda Trindade seleciona sete para dissertar sobre suas importâncias para o cotidiano da educação infantil. O primeiro aspecto falado pela autora é o da Energia Vital, ou Axé, sendo uma característica de tudo que é vivo e tem existência, nos fazendo olhar para as coisas como sagradas e importantes, assim como nossas crianças. Trindade esclarece que esse tópico pode nos fazer reformular a forma que educamos nossas crianças, principalmente as negras, que, ao se reconhecerem como sagradas desde a infância, constroem uma afetividade diferente para consigo mesmo; também ressalta como a relação professor(a)-aluno(a) muda, com um olhar mais afetivo sobre nosso educando.

A Oralidade também é um conceito enfatizado pela autora, com um amplo conhecimento disseminado que a oralidade brasileira tem influências indígena e africana, esse aspecto se faz importante no dia a dia da educação infantil, contando histórias, apresentando diferentes formas da nossa oralidade brasileira, através de lendas, contos, músicas. Além da inserção da diversidade cultural presente na oralidade, também é destacado a importância de estimular a fala de nossas crianças, aumentando sua autoestima e confiança.

As rodas fazem parte da cultura afro-brasileira, na capoeira e no samba, por exemplo, a Circularidade, portanto, é mais um elemento trazido por Azoilda Trindade, que lembra que já é um costume as rodas na educação infantil, mas propõe que ela seja mais frequente, afirmando a importância da coletividade, do círculo e movimento através de brincadeiras em roda e cirandas, ampliando os momentos em que a circularidade e o coletivo estejam presentes.



O quarto aspecto mencionado é a Corporeidade, a exaltação, o cuidado, o sentir o corpo são práticas que devemos incluir com mais frequência na infância, auxiliando as crianças em seu reconhecimento corporal, aprendendo a respeitá-lo, conhecendo seus sinais, potências e limites.

Cuidar do corpo, aprender a massageá-lo, tocá-lo, senti-lo, respeitá-lo é um dos nossos desafios no trabalho pedagógico com a Educação Infantil. Dançar, brincar, rolar, pular, tocar, observar, cheirar, comer, beber, escutar com consciência. Aparentemente nada de novo, se não fosse o desmonte de corpos idealizados e a aceitação dos corpos concretos (Da Trindade, 2005, p.34).

Ainda no conceito de Corporeidade, a autora ressalta a importância do corpo para o povo da diáspora africana, que encontraram no corpo um importante ato de resistência e de se reconhecer.

A Musicalidade também é referida pela autora, que ressalta que, como educadores, podemos proporcionar uma diversidade cultural de musicalidade para além dos que nos é imposto como sociedade pela mídia. Músicas feitas por pretos, letras que falam da nossa história e cultura, maximizando os conhecimentos dos diversos ritmos oriundos do povo afro-brasileiro. O penúltimo aspecto é o da Ludicidade, que é expressa pela brincadeira, pelo riso e pela vida, sendo uma importante característica pedagógica na educação infantil, Azoilda Trindade reforça o papel central da brincadeira na infância.

A Cooperativa, o sétimo aspecto selecionado pela autora, nos fala da cooperação existente entre os negros no território brasileiro, como a nossa existência está intrínseca ao conjunto, as ajudas mútuas. Ensinar a cooperação, solidariedade e empatia é de extrema importância na atualidade, crianças que estão sendo criadas num mundo mais individualista, centrado no “eu” capitalista e tecnológico, que esquece do mundo e do próximo, precisam ter contato constantemente com esse aspecto afro-brasileiro.

Os aspectos de Azoilda Trindade que foram apresentado, muitas vezes já aparecem nas salas de aulas da educação infantil, mas devemos questionar, como educadores, como eles estão inseridos numa proposta antirracista, fortalecendo um ensino anti discriminação e preconceito, evidenciando o povo afro-brasileiro de uma maneira positiva.



4 PRÁTICA DOCENTE ANTIRRACISTA EM CONSONÂNCIA COM OS VALORES CIVILIZATÓRIOS

No texto “Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Infantil”, da doutora Azoilda Trindade, podemos fazer diferentes interseções, com autores da educação e legislação. Todos esses pontos que podem entrar em consonância se encontram numa prática docente crítica-libertária, inter e decolonial.

Durante toda a explanação sobre o ensaio de Azoilda Trindade, estão presentes os aspectos decolonial e intercultural: no reconhecimento da cultura negra para a sociedade brasileira, na formação do país e das práticas do cotidiano, subvertendo a um parâmetro europeu de educação e pensamento.

O ato de oralizar, de instigar a fala do educando, a partir do aspecto da Oralidade se liga com uma das defesas mais contundentes do educador Paulo Freire que, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2017), fala do lugar central do diálogo, da fala na relação educador-educando, e na fala como um ação-reflexão, ou seja, a partir dela entendemos, questionamos, refletimos sobre o mundo. O educador enfatiza a importância do falar: “A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa [...]. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.” (Freire, 2017, p.108)

Outro ponto capaz de ir ao encontro com bases que corroboram nossa prática antirracista como professores da educação infantil, é a Resolução no 5 de 2009, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; nela, em seu terceiro artigo, nos diz que o currículo da educação infantil tem que “[...] articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (Brasil, 2009. p.1). Azoilda Trindade salienta como a cultura afro-brasileira é patrimônio da nossa sociedade:

[...] em nome de um verdadeiro e profundo amor pelas nossas crianças brasileiras, que merecem ter acesso a um patrimônio cultural que as constitui como brasileiras, que é o patrimônio cultural afro-brasileiro (Da Trindade, 2005, p.35).

Em toda DCNEI (Brasil, 2009) podemos observar os aspectos citados pela autora, a Ludicidade, Cooperatividade, Energia Vital, Corporeidade, Musicalidade, Oralidade e a Circularidade, estão presentes nas crianças e, por isso, são conceitos que encontramos por toda



diretriz, devemos, contudo, direcionar nossa práxis para uma educação que estimule e promova a importância da diferença, da cultura afro-brasileira para e na formação da sociedade brasileira.

A Ludicidade aparece como ponto recorrente nas diretrizes; o lúdico, a brincadeira é uma das características mais emblemática quando se fala de criança, é por meio da brincadeira que as crianças vão organizando suas concepções sobre o mundo, formando sua identidade, experimentando diferentes papéis sociais e, aprendendo.

Durante a brincadeira de faz-de-conta na escola, as crianças podem assumir gradativamente diferentes papéis sociais e compreender as relações que existem entre os mesmos. Dessa forma, faz-se necessário que os professores espeitem a manifestação de cada criança ao brincar, já que, muitas vezes, ela irá brincar a partir de experiências que vivencia, ou que deseja vivenciar. Se o professor tem conhecimento teórico sobre o desenvolvimento infantil, ele pode estimular conquistas e avanços, ao invés de definir e inibir a capacidade imaginativa dos pequenos (Paiva; Nunes; Deus, 2010, p.94).

Na DCNEI (Brasil, 2009, p.2), a ludicidade aparece englobado no princípio Estético, assim como a “liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (p.2), reforçando a importância de um ensino diverso, se constituindo como um direito da criança.

A autora que temos como referência principal, nos ensina que a ludicidade é um tópico afro-brasileiro que deve-se ser ressaltado; brincadeiras como Guerreiros Nagô e terra-mar e ritmos que brincam com a imaginação como samba e frevo, são exemplos de como o lúdico presente na sociedade brasileira tem como ascendência a cultura afro-diaspórica. O lúdico deve estar presente em cada ato da educação infantil, mas deve-se prezar por brincadeiras e atividades que contribuam para uma consciência racial do estudante; se a brincadeira é um importante ponto para que a criança construa sua leitura de mundo, refletindo sobre o que é observado em seu dia a dia, devemos colocar na sala de aula não somente o padrão europeu, mas sim, fazer uma interculturalidade de formas de ser e estar no mundo, ampliando as referências positivas sobre o povo preto e naturalizando e enaltecendo a alteridade.

A Musicalidade, Oralidade e a Circularidade são conceitos que podem aparecer simultaneamente com a Ludicidade, numa contação de histórias, por exemplo, ou numa brincadeira em círculo que utilize diferentes estilos musicais. A pesquisa e a imaginação também são fatores que devemos ter como professores, portanto, pensar em como convergir estes e mais outros princípios, imaginar brincadeiras novas e culturais, pesquisar o que seus pares estão fazendo, são tarefas essenciais de um profissional da educação engajado com a mudança da sala de aula e que prioriza a interculturalidade educacional.



Como docentes, devemos estimular a imaginação e o lúdico nas nossas crianças, proporcionando uma visão étnico-racial diversa e não discriminatória, visto que elas são grandes influenciadoras para a manutenção de uma sociedade racista e maléfica para os sujeitos negros.

A escola, na vida das crianças, aparece, então, como um espaço diferenciado de cultura e de relações sociais que tem como objetivo contribuir com a formação integral desses sujeitos, considerando-os em seus aspectos cognitivos, afetivos, motores e sociais (Paiva; Nunes; Deus, 2010, p.89).

A partir da Circularidade podemos pensar em diferentes atividades pedagógicas a partir de práticas exercidas e criadas pelo povo afro-brasileiro, cirandas, roda de jongo, capoeira, contação de histórias, entre outras manifestações culturais que fazem interseção entre o círculo, a música, ludicidade e cooperação. Interessante pensar como todos os princípios se encontram em suas singularidades, nos trazendo a ideia de como tudo é indissociável e constituem uma unicidade.

Reforçando a reflexão anterior sobre a unicidade dos princípios, pontuamos como a Cooperatividade, Circularidade e Oralidade também podem se encontrar como impulsionadores da democracia. Conseguir enxergar todos os presentes num círculo, ouvir as concepções e voz de cada um, ajudar e ser ajudado, são pontos simples que podemos tirar e convergir com o conceito de democracia, que é uma base importante para a aquisição de direitos e deveres na nossa sociedade contemporânea.

A Energia Vital, o Axé, presente em tudo em que existe é que é vivo, pode subsidiar uma educação ambiental, apresentando às crianças o valor daquilo que está vivo e como estamos interligados, dando a devida evidência que a natureza merece, ressaltando preceitos africanos que vê a natureza como divindade e que devemos respeitá-la. Proporcionar esse contato com a natureza e educação ambiental também é um direito adquirido pelos educandos da educação, presente na DCNEI, que estipula que no currículo da educação infantil a criança deve ser entendida como um sujeito que “constrói sentidos sobre a natureza [...] produzindo cultura” (Brasil, 2009, p.1).

Ainda nesse documento legal, é salientado que as práticas pedagógicas “incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação [...] à natureza” (Brasil, 2009, p.4) e

X- promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; (Brasil, 2009, p.4).



Ademais, como já visto na seção anterior, a Energia Vital também nos dá uma base para olhar nossas crianças negras como sagradas. O afeto entre professor(a)-aluno(a) é um grande auxiliador no processo de ensino-aprendizagem, tornar o ambiente escolar um lugar acolhedor, prazeroso e de afeto é dever do educador, não há uma boa aprendizagem sem uma boa relação educador-educando.

Olhar as crianças negras com afeto e cuidado é humanizá-las, dando-as o devido tratamento, mostrando sua importância, potencialidades e deixando evidente que a escola é um espaço acolhedor para com elas. Como profissionais da educação, que entende que a educação escolar deve desenvolver a integralidade do ser humano, devemos levar em consideração a influência do afeto no desenvolvimento cognitivo.

As situações de dor, perdas, sofrimentos, mortes, lutos e a violência vivida pelos alunos, [...] requerem do educador uma compreensão abrangente e integrativa do desenvolvimento, no qual as diversas faces do aluno enquanto pessoa possa ser contempladas, e não apenas uma visão unilateral que privilegia apenas uma dimensão ou conjunto funcional (Ferreira; Acioly-Régner, 2010, p.30).

Sabemos como fatores sentimentais, externos ou internos à sala de aula, podem ser relevantes no processo de ensino-aprendizagem, as dores, alegrias, contestações se encontram no ambiente escolar, influenciando positiva ou negativamente na aquisição de novos aprendizados e reflexões do educando. Por isso, temos que criar laços afetivos, enxergar nossas crianças como Energia Vital, sagradas e detentoras de Axé. Tornar o ambiente escolar acolhedor, proporcionar um tratamento digno e amoroso para com nossos estudantes é direito de nossas crianças e dever de professores que estão engajados em uma educação antirracista, que entende as potencialidades e consequências do seu fazer docente para as crianças.

A Corporeidade também é um tópico que corta a DCNEI (Brasil, 2009) e que corrobora com a importância que Azoilda Trindade dá ao corpo dentro da cultura afro-brasileira. Uma prática pedagógica que insere e evidencia o corpo está presente na nas diretrizes, no nono artigo, em seu inciso I, que disserta sobre uma prática que amplie as movimentações corporais. A partir do conceito de Corporeidade, convergindo com o que está estabelecido no documento legal, podemos incentivar uma prática que use o corpo, o conhecimento sobre si e sobre os outros através da cultura afro-brasileira, que utiliza o corpo e suas expressões de uma maneira bem incisiva, por meio de brincadeira, jogos, cantigas, dança.



Pudemos observar como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil enfatiza o que Azoilda Trindade defende em seu texto, uma prática que amplie a cultura das crianças, que enalteça a diversidade também está presente no documento, devemos então, como professores e ativistas por uma educação antirracista, lutar e reivindicar o que está proposta em força de lei, como podemos ver em:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

[...]

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

[...]

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras; (Brasil, 2009, p.4)

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão proposta neste artigo abre diálogo para novas formas do fazer docente na educação infantil, a partir de uma perspectiva afrocentrada, onde o nosso cotidiano escolar junto com as crianças seja questionado, assim como o currículo e a formação docente. Debater a base teórica que conduz nossa prática é refletir sobre qual sociedade imaginamos e queremos, o que pretendemos estimular no educando, o que podemos fazer para que a vivência na educação infantil não seja um propiciador de traumas, de uma construção identitária deficitária, de um ensino que não estimule preconceitos e discriminação.

Com o amplo debate aqui proposto, nos juntamos com autores como bell hooks, Paulo Freire, Tomaz Tadeu da Silva, Vera Candau, entre outros, que pensam uma educação igualitária, numa prática e currículo que abarque a interculturalidade e decolonialidade, abrem-se caminhos e perspectivas para novas práticas docentes. Com o texto, vê-se como podemos incluir aspectos afrocentrados no nosso dia a dia escolar, numa práxis educativa antirracista que entre em convergência ao estímulo da autoestima e uma boa construção identitária do educando. Porém, para que essa prática seja efetiva, deve-se estimular mais espaços para debates, como o tema deste congresso e, formação docente qualificada, como a especialização em relações étnico-raciais do Colégio Pedro II, que fora citada anteriormente.

Além desses espaços de discussão, devemos reivindicar a execução de leis que estabelecem um ensino plural e intercultural, como as leis números 10.639/03 e a 11.645/08 (que modifica a lei



10.639/03, incluindo a história e cultura indígena); também seguir os direitos de uma educação que amplie a cultura e discuta o patrimônio cultural brasileiro, como estabelece a DCNEI.

Assim como a maioria da população brasileira, as crianças presentes na educação infantil, principalmente em escolas públicas, são negras; como um ato de amor, como já citado por Azoilda Loretto da Trindade, e empatia, temos o dever, como educadores, de proporcionar uma educação que não transmita sofrimento aos nossos educandos, deve-se ainda, refletir sobre as consequências futuras, para depois da educação infantil, que essas crianças irão carregar, com uma visão pejorativa sobre si e seus pares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o texto, teve-se como propósito apresentar um ensaio de Azoilda Trindade, mostrando sua grande contribuição para pensarmos a educação infantil como um espaço que deve ter a cultura afro-brasileira em seu cotidiano, abrindo novas discussões sobre a importância de uma educação étnico-racial, enaltecendo a cultura negra e a mencionando como elemento crucial para a formação dos cidadãos brasileiros, mostrando sua importância.

Tendo como referência central o texto da autora supracitada, o debate se estendeu às bases legais que subsidiam uma educação que corrobora com práticas antirracistas, porém, também fora mencionado como é necessário que o docente se entenda como um agente importante nessa luta contra discriminação racial, entendendo o peso que uma educação intercultural tem para com os estudantes, principalmente os não brancos.

Como visto em todo o trabalho, os setes princípios afro-brasileiros se encontram na educação infantil, mas eles se ampliam para além do que é possível se ver dentro da escola, pois aqui se propõe entendê-los como aspectos da cultura negra e, por isso, devem estar sempre acompanhados com mais referências afro-brasileiras e africanas, estimulando a interculturalidade, com a reflexão sobre as culturas que constituem, a população brasileira, numa práxis docente decolonial, percebendo que o que é produzido no nosso cotidiano, nossas maiores referências, nosso jeito de ser e estar no mundo tem mais base afro e indígena, do que apenas europeia.



REFERÊNCIAS

ANA, Wallace Pereira Sant; LEMOS, Glen Cézar. Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, v. 4, n.12, p.531-541, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 jmar. 2008.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, p. 802-820, 2016.

DA SILVA, Gisele Rose. Azoilda Loretta da Trindade e o legado do projeto a cor da cultura. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 7, n. 2, p. 805-820, 2021.

DA TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. Proposta Pedagógica, p. 30-36, 2005.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em Revista**, n. 36, p. 21-38, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64 ed. Paz e Terra: São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

Sandra. **Azoilda Trindade**. Arquivo Edgard Leuenroth. Sex, 21/07/2023. Disponível em: <https://ael.ifch.unicamp.br/node/455>. Acesso em: 12 de novembro, 2023.

PAIVA, Núbia Silvia Guimarães; NUNES, Liliane dos Guimarães Alvin; DEUS, MF de. A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. **Olhares & Trilhas**. Uberlândia, ano XI, n. 11, p. 85-96, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014. p. 7-20.



SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Enviado em: 14/12/2024
Aceito em: 31/03/2025